

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: PERSPECTIVA COGNITIVA INTERACIONAL

Alicia Auxiliadora Nunes Arruda ¹
Renata Barbosa Vicente ²

RESUMO

A aquisição da linguagem é essencial para o ser humano, isso pelo motivo de ser por meio dela que a comunicação acontece e modo por meio do qual a criança adquire o conhecimento de uma língua particular. O objetivo deste trabalho é evidenciar como a aquisição da linguagem está relacionada com a interação do indivíduo e o meio, especialmente se considerarmos que este meio também é social e cultural. Partindo das contribuições de Tomasello (2003), a linguagem está presente, na esfera da história evolutiva, sendo este efeito da evolução da cognição humana, considerada uma construção sociocultural e do ponto de vista cognitivo-funcional, é tida como um instrumento de comunicação e interação social. Desse modo, a aquisição e desenvolvimento da linguagem requerem habilidades de cognição cultural unicamente humanas, isso pois, apenas os seres humanos envolvem-se numa aprendizagem cultural, tendo em conta que a cultura humana é intrinsecamente simbólica.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem, Linguagem e Cognição, Interação Social.

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição da linguagem pode ser entendido como um conjunto de ações cognitivas. Sendo a linguagem uma faculdade humana utilizada para expressão e para comunicação, esta se evidencia desde os primeiros anos de vida e passa por evoluções frequentes. A capacidade de socialização do indivíduo se constitui na aquisição da linguagem, manifestada na relação entre a criança e o outro, o que se dá via discurso

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Membro do grupo de pesquisa Letramento, Alfabetização, Tecnologia Digital e Cognição-LATEC. nunesalicia11@gmail.com;

² Orientadora. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP); Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP); Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE; Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem Cognição e Sociedade - LINCS na FFLCH-USP. Coordena o grupo de pesquisa Letramento, Alfabetização, Tecnologia Digital e Cognição- LATEC no Diretório de pesquisas no CNPq. renatab.viecente@gmail.com .

construído na vivência de situações interacionais cotidianas. Sabe-se hoje que, ao aprender uma língua, se aprende também sobre o mundo à sua volta, sobre sua cultura, a organização social vigente, além de tudo o que a interação é capaz de influenciar na bagagem linguística e na aquisição da linguagem da criança. A ininterruptão entre a cognição e a cultura faz com que o pensamento seja um componente típico, essencial, para a experiência humana, seja no campo da arte ou da ciência.

Tomasello (2003) afirma que a cognição humana é marcada por processos, simultaneamente, filogenéticos, históricos e ontogenéticos que permitem ao homem beneficiar-se das diversas formas de conhecimento acumulados pelos grupos sociais e que, ao mesmo tempo, determinam essas diversas formas de conhecimento, entre elas, a própria comunicação linguística.

A interação deste três fatores sugere a seguinte sequência de processos evolutivos: o ser humano, em sua filogênese, compartilha com os primatas não-humanos a habilidade de compreensão da ação intencional, mas possui, como fator diferencial resultante de uma adaptação biológica, uma predisposição natural para a participação em atividades colaborativas complexas, compartilhando intencionalidade; esta habilidade para compartilhar intenção, por sua vez, desenvolve-se muito cedo na ontogênese, a partir do momento em que criança insere-se em contextos específicos de aprendizagem cultural, apreendendo, por imitação, a sabedoria acumulada do seu grupo social, o que garante a transmissão social no tempo histórico e uma evolução cultural cumulativa. (Tomasello, 1990 *apud* Bezerra; Souza, 2013, p. 28)

Nosso objetivo é evidenciar como a aquisição da linguagem está relacionada com a interação do indivíduo e o meio, especialmente se considerarmos que este meio também é social e cultural. Nesse sentido, justificamos a importância de pesquisarmos os múltiplos olhares existentes acerca da abordagem da aquisição da linguagem, que nos permitirá uma melhor compreensão sobre o tema.

No que tange a metodologia, a pesquisa é uma revisão de literatura, baseada no método abordagem qualitativa. Como fonte de coleta de informações foram utilizadas plataformas digitais, entre elas: Periódicos CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google acadêmico. Os descritores utilizados foram: Aquisição da Linguagem; Linguagem e Cognição. Dessa forma, foram selecionados os artigos indexados que abordassem a temática da aquisição da linguagem interacionista e da linguagem e cognição.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Borges e Salomão (2003) através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de apreender a fala, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura. À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial - incluindo a visão e audição - se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para a escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

Teoria da aquisição da linguagem baseada no uso

Tomasello, (2003), atenta aos aspectos biológicos e sócio pragmáticos envolvidos nos processos de aquisição e desenvolvimento de competências linguísticas. Dada a principal hipótese de que a aquisição e o desenvolvimento de competências linguísticas humanas são processos sócio biológicos, incluindo habilidades socio-cognitivas humanas de compreensão e compartilhamento de intencionalidade, além da participação em atividades sócio comunicativas, historicamente estabelecidas, com indivíduos humanos linguística e simbolicamente competentes.

Os seres humanos possuem algumas habilidades cognitivas exclusivas, as quais os tornam aptos à criação e ao uso de símbolos linguísticos e de ferramentas complexas, bem como à criação e à manutenção de instituições e organizações sociais complexas. O modo através do qual estes artefatos e práticas característicos da espécie humana e as habilidades cognitivas a eles subjacentes insurgiram na história evolutiva constitui um enigma, configurando-se como uma questão fundamental no âmbito da Antropologia Biológica e Sociocultural (TOMASELLO, 1999 *apud* Bezerra; Souza, 2013, p. 26).

Tomasello (1999) propõe como solução a hipótese de que houve uma pequena adaptação biológica que originou uma forma de cognição social, a qual viabilizou um novo mecanismo evolutivo – a transmissão cultural, que atua com mais rapidez do que os processos genéticos, e, portanto, responde às restrições de tempo supracitadas, promovendo uma evolução cultural.

A transmissão cultural inclui coisas como um filhote de passarinho imitar o canto típico da espécie cantado por seus pais, filhotes de rato comerem apenas

os alimentos comidos por suas mães, formigas localizarem comida seguindo os rastros de feromônio dos co-específicos, jovens chimpanzés aprenderem as práticas de uso de ferramentas dos adultos com quem convivem, e crianças humanas adquirirem as convenções linguísticas dos outros membros de seu grupo social. (Tomasello, 2003, p. 5)

[...], os mecanismos comportamentais e cognitivos precisos implicados nos diferentes casos são vários e diversos, incluindo tudo, desde os pais provocarem padrões fixos de ação em seus rebentos até a transmissão de habilidades por aprendizagem por imitação e educação – o que sugere a possibilidade de subtipos significativos de processos de transmissão cultural. (Tomasello, 2003, p. 5)

Em Tomasello, et al. (2005), identifica-se o fator biológico a uma adaptação humana para participar de atividades colaborativas que envolvem o compartilhamento de intencionalidade, isto é, a uma adaptação para a cultura.

Segundo este autor, a aquisição e o desenvolvimento simbólico dependem de uma cognição cultural exclusivamente humana, mas derivada de adaptações biológicas características da cognição primata.

Filogenicamente falando, os seres humanos detêm, assim como alguns primatas não humanos, a habilidade de compreender os co-específicos como agentes intencionais – compreensão da ação intencional, mas apresentam também, e de maneira exclusiva, uma motivação natural para compartilhar intenções, objetivos, experiências e atividades, engajando-se em tarefas colaborativas complexas.

Essas adaptações biológicas, são entendidas como habilidades de compreensão da ação intencional e de compartilhamento de intencionalidade, uma vez que, desenvolvem-se apenas através de interações na ontogênese humana.

Habilidades de compreensão

Sobre a Habilidade da ação intencional, Tomasello *et al.* (2005, p. 678-680) apresentam as habilidades de compreensão da ação intencional e de compartilhamento de intencionalidade, em três estados: 1) compreensão da ação animada – crianças com idade em torno de seis meses distinguem ações animadas e inanimadas, e desenvolveram expectativas acerca da ação animada do adulto que lhe tornam aptos a prever o que os outros farão em situações familiares; 2) compreensão da ações direcionada para objetivos – crianças com idade em torno de nove meses são capazes de compreender que seus co-

específicos agem de acordo com seus objetivos e tentam alcançá-los de modo persistente; 3) compreensão do planejamento de ações – crianças com idade em torno de quatorze meses compreendem que seus co-específicos, para perseguir seus objetivos, podem considerar vários planos de ação e escolher um conforme algum aspecto da realidade.

Já sobre a habilidade de Intencionalidade compartilhada, Tomasello et al., (2005) fala a ação do desenvolvimento da intencionalidade compartilhada e da ação na ontogênese é justificada por este autor em três estágios: 1) engajamento diádico – crianças com idade em torno de seis meses compartilham comportamentos e emoções, interagindo com o adulto em protoconversações; 2) engajamento triádico – crianças com idade em torno de nove meses compartilham objetivos e percepções, interagindo em atividades que envolvem um adulto e um objeto para o qual direcionarão a atenção; 3) engajamento colaborativo – crianças com idade em torno de quatorze meses interagem com coespecíficos e compartilham com eles objetivos, coordenando seus planos de ação para alcançá-los, o que evidencia intenções e ações conjuntas.

Aprendizagem cultural

A aprendizagem cultural acontece através destas habilidades de intenção e por meio do compartilhamento de intenção, isso é possível pelo motivo de que existe formas únicas de aprendizagem cultural, onde o ser humano é capacitado por meio dela, levando em consideração a perspectiva mental/intencional dos outros seres humanos diante da realização dos seus atos. Sobre isso, Tomasello (2003), diz que o indivíduo pode aprender não apenas com o outro, mas através do outro, por imitação de ações intencionalmente compreendidas: a aprendizagem por imitação não implica repetição mecânica de um ato, mas a captação e a reflexão da intenção do outro e a consequente percepção da possibilidade de utilização de igual estratégia quando da posse da mesma intenção. Consequentemente, inserindo-se em contextos específicos de interação e comunicação, a criança passa a internalizar padrões discursivos e a construir representações cognitivas dialógicas, o que implica a criação e o uso de símbolos linguísticos (TOMASELLO et al, 2005).

O processo de evolução cultural cumulativa exige não só invenção criativa mas também, e de modo igualmente importante, transmissão social confiável que possa funcionar como uma catraca para impedir o resvalo para trás- de maneira

que o recém-inventado artefato ou prática preserve sua forma nova e melhorada de modo bastante fiel pelo menos até que surja uma outra modificação ou melhoria. (Tomasello, 2003, p. 6)

Tomasello *et al.* 1993, *apud* Tomasello 2003 distinguem a aprendizagem cultural humana de formas mais difundidas de aprendizagem social, identificando três tipos básicos: 1) Aprendizagem por imitação, 2) Aprendizagem por instrução e 3) Aprendizagem por colaboração. Para eles, esses três tipos de aprendizagem cultural tornam-se possível porque existe uma única e especial forma de cognição social, considerando a capacidade de cada organismo compreender os co-específicos como seres iguais a ele, além de entender que são vidas mentais e intencionais iguais às dele.

Sem esquecer que, os indivíduos não só aprendem do outro, mas através do outro. Compreender os outros como seres intencionais, é essencial na aprendizagem da cultura humana porque os artefatos culturais e toda prática social são pautadas tanto pelo uso de ferramentas, quanto de símbolos linguísticos. No que se refere a aprendizado da criança diante o uso convencional de uma ferramenta ou símbolo no meio social, para Tomasello *et al.* (2003) a criança necessariamente precisaria entender o por que, para que fim exterior, a outra pessoa está usando a ferramenta ou símbolo, isso é, o seu significado intencional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação aos resultados da pesquisa, observa-se que a linguagem não existe de forma independente, ela está vinculada a outras capacidades cognitivas. O que torna possível compreender a manifestação comunicativa como um ato instintivo da espécie humana, o que explica que sua aprendizagem ocorra de maneira tão automática, pois a mente parece estar dotada de habilidades para tal finalidade. Além disso, o ser humano é dotado de um conjunto de habilidades cognitivas e de dispositivos comportamentais que trabalham juntos na interação humana tornando toda forma de comunicação uma linguagem, sendo ela anterior ao surgimento das palavras. As informações ou experiências do ambiente linguístico da criança são consideradas como aspectos de muita importância na aquisição da linguagem.

Estudos de Borges e Salomão (2003) mencionam que existem variações no contexto sociocultural em que os indivíduos vivem. A variação entre contextos é marcada pelos diferentes modelos de uso da linguagem que o meio social oferece. Estes modelos são apresentados segundo os modos de vida e as interações típicas do meio social dos indivíduos, ou seja, correspondem a seus hábitos e necessidades adaptativas. Cavalcante et al. (2014) diz que nossa cognição é impactada e parametrizada pelas nossas vivências culturais, pelas nossas experiências sociais.

Pelosi *et al.* (2014) pontua que as capacidades cognitivas humanas podem ser explicadas, portanto, a partir da interação entre uma série de mecanismos neurobiológicos responsáveis pelas operações mentais e uma série de contextos sociais, culturais, históricos e intencionais. Somente através desta interação os seres humanos são o que realmente são. Neste sentido, a significação é uma construção produzida pelos sujeitos cognitivos no curso da interação comunicativa.

Rossa A., Rossa C. (2011) afirmam que somos de fato seres configurados pela e para experiência. Todo nosso organismo (corpo e cérebro) nos impulsiona a explorar o meio-ambiente e dele extrair o que a qualidade de nossas interações permitirem. Há uma constante influência dos estímulos do ambiente, tal influência pode ser traduzida como a desencadeadora dos processos de aquisição da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomasello (2003) diz que nunca devemos esquecer que os organismos herdaram seu meio ambiente assim como herdaram seus genomas.

O que permite concluir que não se tem como tampar os olhos para a cultura e considerar o mundo de modo aculturado.

A cultura tem um papel fundamental no que concerne no processo de desenvolvimento da mente. A humanidade vive em torno de linguagem, economia, educação, religião e ciências. Um fator que deve ser destacado é que cada cultura humana se comporta sob o olhar sociocognitivo biológico herdado pelos homens e utilizado por eles. O conhecimento humano não é apenas um fruto genético que foram se propagando ao longo do tempo, mas que carregam em sua essência marcas culturais e eventos pessoais (sociais) que contribuíram para seu desenvolvimento.

A aquisição da linguagem está relacionada aos contextos social, cognitivo e cultural, mostrando que em visão enatista a construção do conhecimento linguístico e desenvolvimento da linguagem oral por crianças em condições normais podem ser explicadas a partir das significações corpóreas e a interação do homem com o meio. O que torna importante o contato das crianças desde cedo com as relações sociais, uma vez que quanto mais cedo se envolver, mais benefícios obterá, considerando as experiências e aprendizagens que resultam dessas interações.

REFERÊNCIAS

PELOSI, Ana Cristina; DE MORAES FELTES, Heloísa Pedroso; FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **COGNIÇÃO E LINGUÍSTICA: explorando territórios, mapeamentos e percursos.** 2014.

CAVALCANTE, Sandra; ABRANTES, Ana Margarida; SOUZA, André Luiz. Linguagem, discurso e cognição: desafios e perspectivas. **Scripta**, v. 18, n. 34, p. 11-22, 2014.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e a vivência das regras de interação na conversação. **Domínios de Linguagem**, v. 14, n. 1, p. 218-234, 2020.

DA HORA, Livia Carneiro Lima; DOS SANTOS GOMES, Nataniel. ASPECTOS COGNITIVOS NO DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES LINGUÍSTICAS.

ROSSA, Adriana Angelim; ROSSA, Carlos Ricardo Pires. A perspectiva enatista e relações sociointeracionistas da aquisição da linguagem. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 3, p. 18-21, 2011.

SANTOS, Pedro Perini. KAIL, Michèle. Aquisição de linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 118p. Tradução de Márcio Marcionilo. **@rquivo Brasileiro de Educação**, v. 3, n. 6, p. 139-151, 2015.

BEZERRA, Gitanna Brito; SOUZA, Luciene Barbosa de. A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR CHOMSKY E POR TOMASELLO.

Tomasello, M. (2003). Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1999)

Tomasello, M. - Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano, 2003.

ÁLLAN, Sylvio; SOUZA, Carlos Barbosa Alves de. O modelo de Tomasello sobre a evolução cognitivo-linguística humana. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 161-168, 2009.

TOMASELLO, M. *et al.* Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. *Behavioral and brain sciences*, v. 28, n. 5, p. 675-691, 2005.

